



1 de Outubro de 2015

**JMV, EDIFICAR significa educar para a misericórdia**

«Felizes os misericordiosos porque alcançarão misericórdia»

Suscitou estranheza para alguns que, em recente *visita ad limina*, o Papa Francisco tenha referido aos Bispos de Portugal a sua preocupação com a “debandada da juventude”. Disse o Santo Padre: *“não pode deixar de nos preocupar a todos esta debandada da juventude, que tem lugar precisamente na idade em que lhe é dado tomar as rédeas da vida nas suas mãos”*. E depois, em entrevista à Radio Renascença, sublinhava: *“Os jovens são mais informais e têm o seu próprio ritmo. Temos de deixar que o jovem cresça, temos de o acompanhar, não o deixar sozinho, mas acompanhá-lo. E saber acompanhá-lo com prudência, saber falar no momento oportuno, saber escutar muito. Um jovem é inquieto. Não quer que o incomodem e, nesse sentido, pode-se dizer que “o vestido da primeira comunhão não lhes serve. [...] Os jovens têm outras ilusões ... estão a mudar, estão a crescer, estão à procura, não é? Por isso, é preciso deixar o jovem crescer, há que o acompanhar, respeitar e falar-lhe muito paternalmente. Há que procurar aquilo que atrai um jovem e exigir-lho”*.

E há pergunta sobre qual é o desafio que a Igreja, então, deve enfrentar? O santo padre sintetizava desta forma: *“é importante que a catequese não seja puramente teórica. Isso não serve. A catequese é dar-lhes doutrina para a vida e, portanto, tem de incluir três linguagens, três idiomas: o idioma da cabeça, o idioma do coração e o idioma das mãos. E a catequese deve entrar nesses três idiomas: que o jovem pense e saiba qual é a fé, mas que, por sua vez, sinta com o seu coração o que é a fé e, por sua vez, faça coisas. Se falta à catequese uma destas três línguas, destes três idiomas, não avança. Três linguagens: pensar o que se sente e o que se faz, sentir o que se pensa e o que se faz, fazer o que se sente e o que se pensa”*.

Caros amigos JMV



O Papa Francisco está a falar para nós. Todos sabemos que vivemos em tempos difíceis. Sentimos hoje como nunca a emergência educativa e catequética. Por isso, há vários anos temos vindo a olhar com muita atenção para a caminhada catecumenal da JMV. Sentimos a necessidade de rever e acertar melhor a formação que oferecemos aos jovens. E porque precisamos de rever e acertar? Porque os resultados não correspondem, muitas vezes, aos esforços e energia despendidos para o efeito. Qualquer coisa não está certa quando não resulta. Investimos muitos recursos em pessoas e materiais. E que frutos colhemos? Quem não fica impressionado com o egoísmo crescente que leva muitos a viver apenas para si mesmos e abandonar precocemente os seus grupos. A agressividade e a violência a crescerem perigosamente. Muitos dramas ocultos dentro das paredes do lar causados pela violência doméstica de várias ordens; aumento das cenas de violência nas escolas; a maledicência, a crítica estéril e a “bisbilhotice” crescem nas comunidades cristãs (paróquias e grupos); a indiferença parece generalizar-se; a fraude e a mentira são comuns no quotidiano.

Será que temos de aceitar esta situação como normal, como uma fatalidade? Não! Eu acredito que é possível educar e crescer na fé de forma diferente. É aqui que entra a JMV como essa alternativa onde se forme gente de boa relação, responsável pelo bem comum, atenta à solidariedade, respeitadora da dignidade e da verdade, corresponsável e empenhada na Igreja e na sociedade. Sim, baseados no que já vemos podemos sonhar e semear de forma diferente para alcançarmos melhores frutos com a catequese em geral e com a caminhada catecumenal da JMV.

Respondendo à proclamação do Ano da Misericórdia pelo papa Francisco e à sua convocatória para JMJ 2016, contemplemos Jesus Cristo, o rosto da misericórdia de Deus Pai (cf. “Misericordiae Vultus”). Acolher a misericórdia e ser misericordioso, é ter Jesus Cristo como fonte e modelo da forma de ver, de viver e de agir. A misericórdia deve gerar no



cristão um modo diferente de ser e de agir no contexto da cultura atual: face a um clima de indiferença, saber propor e viver a atenção, o cuidado e o serviço mútuos; perante o individualismo, a relação cordial e a ajuda fraterna; contra a agressividade, a bondade; diante da discriminação, o acolhimento sem distinção de pessoas; em vez da violência e da vingança, o perdão e a paz.

Quem pratica a misericórdia alcança misericórdia. Nenhuma pessoa é uma ilha. Colaboremos e receberemos o retorno da nossa colaboração. Recordemos as palavras de Jesus: *«Vinde, benditos de meu Pai! Recebei como herança o reino que vos está preparado desde a criação do mundo. Porque tive fome e destes-Me de comer; tive sede e destes-Me de beber; era peregrino e Me recolhastes; não tinha roupa e Me vestistes; estive doente e viestes visitar-Me; estava na prisão e fostes ver-Me. (...) Em verdade vos digo: Quantas vezes o fizestes a um dos meus irmãos mais pequeninos, a Mim o fizestes».* (Mt 25, 34-36; 40). Este foi também um dos textos mais repetidos por São Vicente de Paulo e que lhe ensinou a ver no rosto dos pobres o “rosto da misericórdia”, Jesus Cristo.

De facto, assim o cristianismo é como um fermento que pode renovar a humanidade na justiça, na paz e na alegria. Por isso, a JMV têm hoje uma missão de grande importância e beleza. Edifiquemos na misericórdia de Deus Pai.

p. fernando, cm  
(Assessor Nacional)